

DIÁLOGOS LUSÓFONOS EM COMUNICAÇÃO E POLÍTICA

HÉLDER PRIOR, LIZIANE GUAZINA E BRUNO ARAÚJO (ORGS.)



LABCOM.IFP

Comunicação, Filosofia e Humanidades

Unidade de Investigação

Universidade da Beira Interior

Ficha Técnica

Título

Diálogos Lusófonos em Comunicação e Política

Organizadores

Hélder Prior, Liziane Guazina e Bruno Araújo

Editora LabCom.IFP

www.labcom-ifp.ubi.pt

Colecção

LabCom

Série

Pequisas em Comunicação

Direcção

José Ricardo Carvalheiro

Design Gráfico

Cristina Lopes

ISBN

978-989-654-315-0 (papel)

978-989-654-317-4 (pdf)

978-989-654-316-7 (epub)

Depósito Legal

415508/16

Tiragem

Print-on-demand

Universidade da Beira Interior
Rua Marquês D'Ávila e Bolama.
6201-001 Covilhã. Portugal
www.ubi.pt

Covilhã, 2016

© 2016, Hélder Prior, Liziane Guazina e Bruno Araújo .

© 2016, Universidade da Beira Interior.

O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

A edição deste livro respeita a vontade dos autores quanto à norma ortográfica da língua portuguesa, mantendo-se alguns capítulos com a antiga ortografia e aderindo outros à nova forma..



ANGELA MERKEL E DILMA ROUSSEFF: CRISE MIGRATÓRIA E PROCESSOS DE *FRAMING* NOS JORNAIS PÚBLICO E FOLHA DE S. PAULO

Helena Lima¹, Universidade do Porto

Miriam Cristina Carlos Silva², Universidade de Sorocaba

Monica Martinez³, Universidade de Sorocaba

Resumo

Angela Merkel e Dilma Rousseff são duas das mulheres mais poderosas da última década, ocupando respectivamente a primeira e sétima posições da lista *World's Most Powerful Women 2015* da revista *Forbes*. Em 2005, Merkel foi eleita a primeira chanceler da Alemanha pela CDU, o partido conservador. Em 2014, Rousseff foi reeleita a primeira presidenta do Brasil pelo PT, o Partido dos Trabalhadores. Veneradas por uns e detestadas por outros, este estudo investiga a imagem de Merkel no diário português *Público* e de Rousseff no brasileiro *Folha de S.Paulo*, ambos em 2015. A metodologia cruza os processos de *framing* (Rothenburg, 1990; Entman, 1993) e *two-step flow communication theory* (Lazarsfeld, Berelson, Gaudet, 1944) para aferir os padrões de significados atribuídos aos formatos jornalísticos sobre as líderes. Os resultados sugerem relação entre os deslocamentos forçados, a cobertura jornalística, a imagem das líderes e a alteração das agendas política e pública devido à onda de solidariedade mundial sem precedentes.

1. Helena Lima é professora do Departamento de Jornalismo e Ciências da Comunicação do Curso de Ciências da Comunicação e diretora do Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Porto. E-mail: hldlima@gmail.com.

2. Miriam Cristina Carlos Silva é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. E-mail: miriam.silva@prof.uniso.br.

3. Monica Martinez é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Uniso. E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br.

Palavras-chave: Narrativas midiáticas; Jornalismo; Relações de gênero.

Angela Merkel, imagens de poder na mídia

Segundo a *World's Most Powerful Women 2015* da revista *Forbes*, que destaca as mulheres mais influentes do mundo, Angela Dorothea Merkel é a mais poderosa líder contemporânea. Número 1 em 2015, ela fez parte da lista 10 vezes nos últimos 12 anos, nove delas ocupando a primeira colocação. Nascida na cidade de Hamburgo em 17 de julho de 1954, foi eleita em setembro 2005 a primeira chanceler da Alemanha pela União Democrata Cristã, partido conservador, ao vencer Gerhard Schröder, que tinha até então ocupado o cargo e era líder do Partido Social Democrata. Em dezembro de 2014, Merkel conquistou um terceiro mandato de quatro anos na economia mais pujante da Europa, tornando-a a chefe de estado mais antiga da União Europeia (UE) – união econômica e política composta por 28 Estados-membros independentes⁴.

Merkel saltou do quinto lugar em 2014 para o primeiro porque, para lidar com a recessão nacional durante a crise econômica global, adotou uma política de austeridade que fortaleceu a economia alemã. Ao tentar impor este modelo aos países endividados do sul, entre os quais Grécia e Portugal, teve a imagem arranhada. Não por acaso, Merkel tem sido chamada de *Frau de Ferro*, alusão à *Dama de Ferro* inglesa, a ex-primeira-ministra britânica (1979-1990) Margaret Thatcher (1925-2013), cuja estratégia para vencer a crise do petróleo de 1979, entre outras, foi baseada na flexibilização do mercado de trabalho e na privatização de estatais.

As informações da página do governo alemão sobre a vida política de Merkel são escassas. De forma quase lacônica, o site informa que para o período 2010-2012 a chanceler cooperou com os parceiros da eurozona e fora dela para garantir a estabilidade do euro (€), a moeda oficial de 19

4. Os países que atualmente pertencem à União Europeia, em ordem alfabética, são: Alemanha, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Croácia, Dinamarca, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos (Holanda), Polônia, Portugal, Reino Unido, República Tcheca, Romênia e Suécia.

dos 28 países da UE, entre eles Portugal. Informa ainda que Merkel acredita na disciplina orçamentária, na solidariedade e nas iniciativas para o crescimento, privilegiando a aliança com a França. As informações mais humanizadas desta breve nota biográfica são o encontro com o Papa Francisco e os cumprimentos à equipe alemã pela vitória na *2014 Fifa World Cup*, o campeonato mundial de futebol promovido pela Federação Internacional de Futebol (Fifa) no Brasil. Esta escassez de informações é realçada pelo jornal britânico *The Guardian*, que a propósito do livro de Stefan Kornelius – *Angela Merkel: The Authorised Biography*⁵ –, escreve que a chanceler será uma das líderes mundiais menos compreendidas, tão desprezada como admirada, sendo a sua verdadeira natureza tão esquiva como o nevoeiro do Mar do Norte. A revista *The Economist* enfatiza a imagem de distância e poder no artigo, “Angela regina”⁶, onde é descrita como impassível perante os ataques dos opositores, sem ter ideias precisas quanto à política interna, vacilante quanto a temas fraturantes⁷, mas teimosa na política de austeridade. A BBC⁸ pontua, a propósito da sua aparição num *talk-show* alemão, que seu rosto não tem expressão alguma (*deadpan*), mas que no caso dos refugiados essa máscara caiu.

Seja pelo percurso político, seja pela diminuta exposição pessoal (a própria BBC aponta as escassas aparições na TV), Angela Merkel tem contribuído para a desconstrução do estereótipo da representação feminina da mídia europeia ao afirmar-se como figura central de poder, na construção dos mapas de significado inseridos nas notícias. Um estudo do Conselho Europeu⁹ relata que, apesar das pesquisas nesta área serem ainda escassas, a fraca representação das mulheres nas notícias continua a ser um dos principais desafios para os jornalistas. Ainda assim, quando as mulheres são tópicos das

5. *The Guardian*, “Angela Merkel: The Authorised Biography by Stefan Kornelius – review”, 20 de setembro, 2013

6. *The Economist*, “Angela regina”, 22 de agosto, 2015

7. Os jornalistas portugueses empregam a expressão “fraturante” para designar certos temas que não são definidos de forma unânime, como o aborto, a liberalização das drogas e a eutanásia, entre outros.

8. BBCNews, “Migrant crisis: Angela Merkel’s deadpan mask slips”, 8 de outubro, 2015.

9. Directorate General for Internal Policies Policy Department C: Citizens’ Rights and Constitutional Affairs. Gender Equality. (2013) “Women and Girls as Subjects of Media’s Attention and Advertisement Campaigns: The Situation in Europe, Best Practices and Legislations

notícias, estes são distribuídos de acordo com as seguintes categorizações mais evidentes: notícias sobre saúde e ciência (36%), notícias de sociedade ou questões legais (31%), celebridades, artes, mídia, desporto (29%), crime e violência (28%), economia (22%) e política e governança (21%). O estudo revela ainda que enquanto fontes, as mulheres são sobretudo testemunhas e menos agentes da notícia ou porta-vozes. Pelo seu protagonismo, por se encontrar quase isolada nas decisões políticas europeias, Merkel, a par de outras mulheres com funções de liderança, autoexclui-se desta representatividade formatada pelas notícias, em que o papel das mulheres acaba sendo minorizado. Contudo, a imagem de força pode não ser necessariamente uma imagem positiva, uma vez que as representações de poder nas notícias podem comportar significados de leitura desfavoráveis. No caso português, a ação política de Angela Merkel é indissociada das políticas de austeridade impostas pela Troika¹⁰, onde pontua outra mulher num cargo de poder, a francesa Christine Lagarde – também a primeira mulher a ocupar a direção do Fundo Monetário Internacional (FMI)¹¹. Com os cortes orçamentais e os aumentos de impostos levados a cabo pelo programa de intervenção financeira, seria sobretudo a chanceler alemã e o seu ministro das finanças a terem um lugar de destaque na responsabilidade dessas políticas. Por outro lado, nem a mídia portuguesa, nem a internacional, contribuíram para suavizar essa imagem de rigidez orçamental. De fato, as notícias sobre o seu lado humano são escassas ou não ultrapassam o círculo noticioso alemão.

A crise dos refugiados e as fronteiras europeias

Um dos debates centrais da mídia nesse verão foi a denominação das populações que afluem às fronteiras da Europa em busca de uma vida melhor ou tão-somente da sobrevivência. As situações de conflito devido ao avanço dos grupos radicais islâmicos têm precipitado para o sul da Europa vagas de imigrantes clandestinos que, aliciados por redes ilegais, põe em risco as

10. Troika: palavra de origem russa, que designa comitê de três membros; grupo composto pelo Fundo Monetário Internacional, Banco Central Europeu e Comissão Europeia; aliança de três personagens de mesmo nível e poder que se reúnem para gerir uma entidade ou para efetivar uma missão (<http://www.economias.pt/significado-de-troika/>).

11. Lagarde ocupa a sexta posição no *World's Most Powerful Women 2015* da revista *Forbes*.

suas vidas na travessia do Mediterrâneo, sem quaisquer condições de segurança. Há dois anos o número de homens, mulheres e crianças mortos nos naufrágios têm aumentado de forma alarmante, sem que as autoridades, as notícias ou os governos europeus tenham sido capazes de sensibilizar a opinião pública para o problema.

As cronologias do drama destas pessoas variam de acordo como o meio de comunicação social em causa¹². Até ao verão de 2015, este era um problema dos países tampão, em que os estados do Norte da Europa se mantinham à margem. Vários fatores vieram alterar este quadro. Um dos aspetos determinantes para captar o foco da mídia internacional foi o número de pessoas chegadas à Turquia e à Grécia, por um lado, e pela situação caótica vivida nos países do Leste, em particular a Hungria. A cobertura midiática atingiu o seu pico quando as notícias internacionais foram marcadas pela morte do sírio Alan Kurdi, 3¹³, ocorrida em 2 de setembro, cuja fotografia foi destaque nos dias 3 e 4 de setembro. A personalização do drama destes indivíduos passou a ser um elemento presente na cobertura jornalística, que despertou finalmente a opinião pública para o conflito no território sírio.

O outro pico de informação onde a pessoalização foi central deu-se quando da agressão da cinegrafista húngara Petra Laszlo a um homem que corria com uma criança ao colo, ocorrida em 8 de setembro. Num e no outro caso, as imagens espalharam-se antes pelas redes sociais, que não resistiram à pressão da opinião pública, num raro caso de influência invertida de *agenda-setting*. Nas diferentes reportagens, as histórias destes indivíduos que fugiam da guerra contribuíram para a alteração das agendas política e pública, numa onda de solidariedade sem precedentes.

Por outro lado, as declarações do governo húngaro, bem como a forma como este lidou com o problema destas pessoas, contribuíram para acentuar o fosso entre aqueles que defendem a entrada de refugiados e as posições

12. Consultar New York Times, the Guardian, the Chronicle Live, Der Spiegel etc..

13. A correspondente de guerra brasileira Patrícia Campos Mello, enviada à Síria, entrevistou os avós do garoto e revelou o nome correto: Alan e não Aylan, conforme divulgado na mídia internacional (Mello, 2015).

xenófobas e o discurso do medo, que dividem a política europeia quanto a esta crise. Nas diferentes entrevistas ficou patente que as pessoas em fuga querem ir para a Alemanha ou Suécia, que acreditam ser os países mais tolerantes. No meio deste percurso têm pelo caminho estados e populações que não são tolerantes e o fato de a abertura das portas da Europa não ser irrestrita. Os discursos iniciais das nações mais ricas foram contraditórios, nomeadamente os dos ministros britânico, português, espanhol e outros serem contra o acolhimento destas populações. Angela Merkel, pelo seu lado, decidiu abrir as portas da Alemanha aos refugiados no início de setembro, dando assim início a uma inversão de declarações dos líderes europeus. Numa declaração elogiada pelas ONGs e contestada por diferentes opositores, a chanceler alemã defendeu que a entrada de refugiados contribuiria para a produção de riqueza, conforme quadro abaixo¹⁴.

Quadro 1: Angela Merkel segundo o *Público*

Data	Fato
2 de setembro	Morte do sírio Alan Kurdi, 3, na praia turca de Bodrum
7 de setembro	Angela Merkel diz que a entrada de refugiados contribuirá para a produção de riqueza
8 de setembro	Agressão da cinegrafista húngara Petra Laszlo a refugiado com criança ao colo
15 de setembro	Angela Merkel diz Alemanha receberá 800.000 refugiados

Fonte: Lima, Martinez, Silva, 2015.

Procedimentos metodológicos

A análise qualitativa aqui apresentada incide sobre a cobertura noticiosa do jornal português *Público* e brasileiro *Folha de S.Paulo*, onde se incluem as notícias em que Angela Merkel e Dilma Rousseff são associadas à temática dos refugiados, de forma a entender os processos de *framing*. Nesta perspectiva do enquadramento, a narrativa jornalística conteria *frames* que se manifes-

14. BBCNews, “Migrant crisis: Influx will change Germany, says Merkel”, 7 de setembro, 2015; 15 de setembro, 2015; Al-Jazeera, Germany: 800,000 refugees - and then what?, 9 de setembro, 2015; The Guardian, “Angela Merkel defends Germany’s handling of refugee influx”; Financial Times, “Berlin agrees steps to curb migrants as Merkel faces backlash”, 29 de setembro, 2015.

tariam pela identificação de certas palavras-chave, frases enquadradoras, imagens estereotipadas, fontes de informação e juízos de valor que reafirmam tematicamente os acontecimentos (Entman, 1993). Este trabalho é uma tentativa de investigar se estes *frames* exercem influência na agenda política e pública.

A crise dos refugiados e Angela Merkel: processos de *framing* e tendências do *two step-flow model* nas notícias do Público

Para além da percepção real que os portugueses sentiram com as políticas de austeridade, as notícias contribuíram para criar um quadro de leitura face à chanceler alemã. Como é reconhecido, nos processos de construção das notícias e em particular nos fenômenos de *agenda-setting* (McCombs, Shaw, 1972), a mídia seleciona, destaca e enfatiza conteúdos noticiosos que geram leituras por parte do público, que por sua vez apreende e hierarquiza as temáticas noticiosas de acordo com os diferentes elementos de *agenda-building* (Salwen, 1985). Esta correlação gera a construção da agenda pública, que tende a replicar a abordagem midiática. A seleção de certos acontecimentos em detrimento de outros, os fenômenos de frequência e o *priming* induzem no público a ideia que dados acontecimentos são mais relevantes que outros (Kiousis et al, 2006), com ênfase para determinados valores-notícia que implicam continuidade e consonância, como é o caso de campanhas eleitorais, cobertura de conflitos bélicos ou grandes crises internacionais, onde se insere a temática da crise dos refugiados.

Nos processos de *agenda-setting* deve ainda ser considerada a relevância atribuída às fontes geradoras do *agenda-building*, enquanto responsáveis pelo conteúdo informativo, mas também dado o seu poder e meios de influência (Salwen, 1985). Estas elites são as fontes de topo da hierarquia da informação e forças motoras da construção da agenda dos *mass* mídia (Berkowitz & Adams, 1990). Os múltiplos efeitos de influência contribuem para chamar a atenção da opinião pública, justamente em situação de cobertura de temáticas com alto valor-notícia, como tem sido o caso da problemática dos refugiados. O tema tem sido, recorrentemente, parte da agenda noticiosa

européia e mundial, quer pelos efeitos de frequência, quer pela relevância das fontes de elite que têm sido incluídas no processo de construção das notícias. Esta relevância é ainda complementada em processos de *framing*, pela inclusão nas colunas de opinião pelos *opinion makers*, que assim contribuem para a construção de mapas de significado.

O papel de Angela Merkel na crise de refugiados pode ainda, segundo Cobb e Elder (1971), determinar que o efeito de influência seja mais intenso na medida em que os protagonistas políticos podem ser, eles próprios, *opinion makers*, ao desarmarem fenômenos de aceitação ou repúdio por parte do público. Nesse sentido, os processos de framing, considerados enquanto esquemas interpretativos (Goffman, 1974), permitem ao público processar a informação de uma forma simples e rápida. Graças aos processos de *framing*, o público percebe os acontecimentos segundo os mesmos esquemas veiculados pela mídia, porém isso não implica uma alteração dos fatos reais.

Para McQuail (2003), os efeitos de framing assentam-se em dois aspectos fundamentais: a construção noticiosa, onde jornalistas usam mapas de significado comuns (*frames* da mídia) e os efeitos sobre a audiência, que adota os conteúdos transmitidos por meio dos mapas de significado constituídos pelos jornalistas para interpretar e debater a realidade social (*frames* do público ou dos indivíduos). Na cobertura *midiática* os enquadramentos moldam a opinião pública, já que, quando as pessoas estão expostas a um padrão de construção noticiosa, esta pode afetar a sua interpretação e avaliação dos acontecimentos.

Nos enquadramentos noticiosos, são incorporados os aspectos normativos da atividade jornalística, a que podem ser associados *frames* resultantes dos processos de seleção e ênfase, mas onde se incluem também as fontes externas Scheufele (1999). Assim, *frames* provenientes de personalidades políticas, autoridades e outras elites são adotados pelos jornalistas, que os incorporam na cobertura de dados acontecimentos.

A hierarquia das fontes e os responsáveis pelas colunas de opinião ganham um papel central na configuração dos acontecimentos noticiosos dada a sua influência sobre os conteúdos e formatos jornalísticos. Contudo, a sua visão não pode ser entendida como uma prática objetiva, como a que é esperada na função informativa. Os *opinion-makers* têm perspectivas, motivações próprias, uma agenda específica que aplicam nos espaços que lhes são atribuídos. O seu processo de seleção dos acontecimentos mediáticos incide apenas nas temáticas que lhes podem ser úteis (Severin, Tankard, 1992). Os impactos destes líderes de opinião dependem do prestígio e da aceitação que detêm na sociedade (Katz, Lazarsfeld, 1955), mas também nas temáticas mais direcionadas para diferentes públicos, nos processos de *multi step-flow communication influence* (Robinson, 1976), nomeadamente, para as audiências que a princípio não se interessam pelas temáticas políticas. É, contudo, reconhecido pelos diferentes autores que as leituras dos acontecimentos por parte destes atores externos à função jornalística têm efeitos em termos de audiências e que o seu prestígio social induz a processos de identificação, embora estes não sejam tão eficazes como os processos de *framing*.

Tendo em consideração os pressupostos teóricos previamente discutidos, a análise aqui apresentada incide sobre a cobertura noticiosa do jornal português *Público*, onde se incluem as notícias em que ambas líderes são associadas a esta temática, de forma a entender os processos de *framing* utilizados e se aplicam os efeitos de influência em colunas de opinião e em que sentido. A narrativa jornalística contém *frames* que se manifestam pela identificação de certas palavras-chave, frases enquadradoras, imagens estereotipadas, fontes de informação, e juízos de valor que reafirmam tematicamente os acontecimentos (Entman, 1993).

A 17 de julho de 2015, a Europa e Portugal em particular, viam a agenda noticiosa marcada pela crise da Grécia e da pressão que a Alemanha, por meio da chanceler e do seu ministro das finanças, exerciam sobre o governo do Syriza, partido político de esquerda grego. O tema era importante para Portugal, pela conjuntura política e econômica, e notícias e colonistas dividiam-se quanto ao papel de Merkel nesta conjuntura. Contudo, uma

notícia veio acentuar a imagem fria e negativa que a mídia veicula sobre a chanceler. Vários sites de notícias internacionais davam a conhecer a forma desajeitada como Angela Merkel respondeu a uma adolescente palestina em lágrimas, ao tentar responder com um argumento racional ao drama da jovem que seria deportada. “Frieza” e “falta de empatia” são termos usados nas notícias para descrever a personalidade da dirigente alemã em resultado deste incidente, mas como foi visto anteriormente, esse enquadramento negativo esteve presente em diferentes meios internacionais. Curiosamente, o jornal *Público* não dá conta desta notícia, amplamente tratada na mídia portuguesa.

No conjunto de matérias em que Angela Merkel é mencionada no tema dos refugiados, durante o pico da crise, há um tom tendencialmente neutro nas 8 notícias analisadas, sendo difícil, pelas expressões ou adjetivação, detectar enviesamentos resultantes dos processos de framing. Estes resultados vão ao encontro ao estipulado no “Livro de Estilo do Público”, no qual se defende a informação com rigor, escrita com “clareza, simplicidade, exatidão”¹⁵. Ainda assim, duas das notícias podem dar uma leitura mais positiva da chanceler alemã:

Quadro 2: Angela Merkel segundo o *Público*

“Merkel quer manter as portas abertas, mas a EU resiste”	Público	2015.08.31
“Depois de libertar fundos, EU prepara-se para reforçar políticas de asilo e emigração”.	Público	2015.09.24

Fonte: Lima, Martinez, Silva, 2015.

No primeiro caso é apenas no título que este enquadramento mais positivo está presente, sobretudo pela escolha da palavra “resiste”, para caracterizar a posição da União Europeia, resultando daqui uma imagem de força, em que a chanceler combate sozinha as diferentes nações europeias. No texto, esta leitura não está presente, mantendo-se o tom neutro devido à remissão constante para as declarações de fontes.

15. http://static.publico.pt/nos/livro_estilo/05-estatuto-e.html

Na segunda matéria, a jornalista informa sobre o estado dos apoios das organizações internacionais à crise dos refugiados e embora a comece pela União Europeia, os relatos das fontes são relativos a ONGs, refugiados ou outra mídia. As únicas declarações são de Donald Tusk, o polonês que preside ao Conselho Europeu e que defende que se deve corrigir a “política de portas abertas”. Angela Merkel. É representada por um sinal oposto, já que afirma que os aportes financeiros são apenas o início e que a crise deve ser superada com os esforços de todos, EUA, Rússia e Médio Oriente.

Ambas as situações podem ser “lidas” como mais positivas para Merkel, mas o discurso das notícias do *Público* é claramente neutro.

Considerando os efeitos a partir do modelo do *two-step-flow communication*, relativamente a outros modelos jornalísticos usados no tratamento noticioso da temática de refugiados e à imagem de Angela Merkel, para o período de pico da crise, foram apenas publicadas duas matérias que se enquadram dentro desta problemática:

Quadro 3: Angela Merkel no *Público*

Editorial: “A clarividência de Merkel”	Público	2015.08.17
Entrevista a Chris Patten	Público	2015.09.2

Fonte: Lima, Martinez, Silva, 2015.

No editorial não assinado “A clarividência de Merkel”, o *framing* positivo do título é claro. A ideia de antecipação da questão é reforçada apenas no final do texto: “Angela Merkel disse agora o que observadores atentos já disseram antes. Que a questão dos migrantes na União Europeia vai ocupar bem mais os europeus do que a Grécia ou a estabilidade do euro. É um reconhecimento da complexidade do problema. Mas é também antecipar no mínimo seis anos de debate sem soluções à vista.” Mais uma vez a capacidade de liderança da chanceler é enfatizada, já que cabe a ela a iniciativa da antecipação e a colocação do problema na agenda política.

A entrevista de Chris Patten é feita pela jornalista Teresa de Sousa, especialista das temáticas da União Europeia e europeísta convicta. Chris Patten é um reconhecido diplomata britânico, último governador de Hong-Kong e atual reitor da Universidade de Oxford. A jornalista nunca menciona Angela Merkel diretamente. Na primeira pergunta menciona que nos últimos quatro anos na Europa, tudo parece ter corrido mal e questiona Patten se tem uma visão pessimista quanto ao futuro. A segunda questão aborda os novos perigos que ameaçam a União Europeia, e o entrevistado responde com o papel positivo desempenhado pela chanceler alemã: “Vamos desistir de encontrar? Não. Mas não é fácil. Fico muito satisfeito por termos em Angela Merkel uma líder europeia muito forte. Creio que é muito injustamente criticada, sendo ela na realidade uma europeísta generosa. O que está a fazer face às vagas migratórias revela uma compreensão profunda do que são os valores europeus fundamentais. Por isso, não estou pessimista quando à possibilidade de avançarmos no bom sentido.”

A afirmação, embora com a identificação de quem a faz, permite a construção de uma imagem positiva de Merkel, até face ao enquadramento negativo da jornalista. Quanto ao discurso, ele fala por si só, “líder forte”, “injustamente criticada”, “europeísta generosa”, são adjetivações fortes, muito positivas, que resultam em processos de framing para os leitores. Contudo, estamos perante uma entrevista e linguagem não tem de ser neutra. Por outro lado, a escolha de uma figura proeminente, com um discurso tão claramente favorável, terá necessariamente um efeito positivo nas leituras da opinião pública, uma vez que tende a ser visto como um líder de opinião prestigiado.

O interessante é que o enquadramento de Angela Merkel é mais positivo no jornal brasileiro *Folha de S.Paulo*. A fascinação pelos invasores europeus sentida inicialmente pelos povos autóctenes, atraídos pelas ferramentas, adornos e aventura (Ribeiro, 2006, p. 39), e mais tarde pelos colonizadores – que seriam emissários de uma “civilização mais avançada” –, ainda pare-

ce ecoar na alma brasileira. “Os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo” (Ribeiro, 2006, p. 38). Some-se a este fato o incentivo dado pelos dois monarcas brasileiros, D. Pedro I (1798-1834) e D. Pedro II (1825-1891), à imigração europeia, notadamente a alemã, no século XIX, como forma de suprir mão-de-obra para as tropas para a lavoura, sobretudo com o fim da escravidão em 1889, mas também como estratégia de “branqueamento” da nação (Carvalho, 2007).

Um pico de cobertura sobre a chanceler ocorreu, naturalmente, da sua vinda ao Brasil, nos dias 19 e 20 de agosto de 2015. Sob o título “Pragmática, alemã Angela Merkel tem status de líder incontestada da Europa”, a cobertura feita pelo correspondente Leandro Colon em 19 de agosto revela, por exemplo, que Merkel “ganhou o apelido de Mutti da nação (mamãe, em alemão), sem nunca ter sido, de fato, uma liderança carismática de discursos inflamados” (Colon, 2015). A fotografia que ilustra a matéria revela a líder alemã sorridente ao lado do marido, Joachin Sauer, pisando no tapete vermelho de um festival de ópera alemão – um símbolo de celebridades eternizado pelas cerimônias hollywoodianas. Seu vestido, de cálido azul cor do céu, com os sapatos baixos *ton sur ton*, alinham-se com a imagem de uma matrona germânica.

Figura 1 - Imagem humanizada: Angela Merkel com o marido a caminho da ópera¹⁶



Fonte: Folha de S.Paulo, 19 ago 2015.

Ainda na visita da chanceler alemã várias foram as imagens de uma Merkel “simpática”. Sob o título “Merkel elogia Brasil por aceitar meta ‘audaciosa’ de uso de energia limpa” (Fleck, Foreque, 2015), a fotografia revela as líderes em *tête-à-tête*, com a presidenta brasileira segurando de forma calorosa as mãos da visitante, enquanto esta se mostra um tanto arredia ao contato físico.

Figura 2 - Imagem humanizada: Angela Merkel com Dilma Rousseff no Itamaraty¹⁷



Fonte: Folha de S. Paulo, 20 ago 2015.

16. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1670579-pragmatica-alema-angela-merkel-tem-status-de-lider-incontestada-europa.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

17. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1671545-mekel-elogia-brasil-por-aceitar-meta-audaciosa-de-uso-de-energia-limpa.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

Na questão dos refugiados, a cobertura da *Folha de S. Paulo* registra, como no caso do jornal português *Público*, a rigidez inicial de acolhimento dos deslocados forçados. Contudo, novamente, é a imagem da mãe dura, mas materna, que tenta manter a casa (Europa) em ordem, que permeia as reportagens. Ao princípio havia a fala de que “800 mil eram demais”, sob o título “Alemanha planeja expulsar imigrantes para acolher refugiados” (31 ago. 2015). Ao longo do tempo, ao encontrar resistência dos outros países do bloco de receber um número maior de pedidos de asilo, Merkel flexibiliza sua posição. “Após ser hostilizada por grupos de extrema direita” (26 ago 2015), na reportagem com título “Manifestantes de extrema direita vão Merkel em visita a refugiados”, o leitor brasileiro acompanha as agruras da chanceler, que faz um discurso humanitário: “É vergonhoso e repulsivo o que acompanhamos aqui (...). Precisamos usar toda a nossa força para deixar claro que não vamos tolerar aqueles que colocam a dignidade dos outros em questão” (26 ago. 2015).

Quadro 4: Angela Merkel segundo a *Folha de S. Paulo*

Data	Fato
26 de agosto	Manifestantes de extrema direita vão Merkel em visita a refugiados
31 de agosto	Alemanha planeja expulsar imigrantes para acolher refugiados
2 de setembro	Morte do sírio Alan Kurdi, 3, na praia turca de Bodrum
6 de setembro	Alemanha recebe refugiados com comida e placas de boas-vindas
7 de setembro	Merkel quer que ida de refugiados à Alemanha seja mudança ‘positiva’
8 de setembro	Agressão da cinegrafista húngara Petra Laszlo a refugiado com criança ao colo

Fonte: Lima, Martinez, Silva, 2015.

Como a mãe que, ao final, “acolhe os pedidos dos filhos”, ainda que insensatos, ela finalmente “cede”. “Alemanha recebe refugiados com comida e placas de boas-vindas”, é a manchete de 6 de setembro, que traz no corpo do texto a expectativa de 800 mil pedidos de asilo para o ano. Um título seguinte, autoexplicativo, é “Merkel quer que ida de refugiados à Alemanha seja mudança ‘positiva’” (7 set 2015). Evidentemente a história não se encerra aqui, mas a guinada subjetiva apontada pelo jornal brasileiro favorece a

imagem de Merkel como uma líder rigorosa, mas flexível para atuar quando a questão envolve o cuidado com o outro, se o outro estiver em situação de risco – ainda que este cuidado envolva soluções paradoxais, como eventualmente acomodar os refugiados em antigos campos de concentração nazista, conforme matéria traduzida do *The Guardian*, “Alemanha abriga refugiados em área de ex-campo de concentração nazista” (Hardach, 2015).

Dilma Rousseff, imagens de poder na mídia

Dilma Vana Rousseff nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 14 de dezembro de 1947¹⁸. É filha do imigrante búlgaro Pedro Rousseff e da professora Dilma Jane da Silva (nascida em Resende, Rio de Janeiro). Em 1969, conhece o advogado gaúcho Carlos Franklin Paixão de Araújo, com quem tem uma filha, Paula Rousseff Araújo, nascida em 1976.

Sofre perseguição da Justiça Militar, é condenada por subversão e permanece entre 1970 a 1972 no presídio Tiradentes, em São Paulo (capital). Após sair da prisão, muda-se para Porto Alegre (1973), onde retoma os estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e torna-se estagiária da Fundação de Economia e Estatística (FEE), órgão do governo gaúcho.

Toma parte na campanha pela Anistia, em 1979, durante o processo de abertura política. Auxilia, com o marido Carlos Araújo, na fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT), no Rio Grande do Sul.

Na ocasião do retorno da democracia no Brasil, Dilma, então diretora-geral da Câmara Municipal de Porto Alegre, atua na campanha presidencial de Leonel Brizola. No segundo turno, vai às ruas pela campanha de Luiz Inácio Lula da Silva, do Partido dos Trabalhadores (PT). Na década de 90, atua como presidente da Fundação de Economia e Estatística do Rio Grande do Sul e como secretária de Energia, Minas e Comunicação (governo Alceu Collares/RS). Exerce o mesmo cargo no governo de Olívio Dutra, sob a aliança entre PDT e PT. No ano de 2001 filia-se ao PT.

18. A biografia oficial da presidenta Dilma Rousseff pode ser acessada em <http://www2.planalto.gov.br/presidencia/presidenta>.

Torna-se ministra de Minas e Energia, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva e preside o Conselho de Administração da Petrobrás.

Em 2005, passa ao comando da Casa Civil, coordenando o trabalho de todo o ministério do governo Lula. Assume a direção de programas estratégicos como o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) e o programa de habitação popular Minha Casa, Minha Vida. Coordena a Comissão Interministerial, encarregada de definir as regras para a exploração das reservas de petróleo na camada pré-sal e integra a Junta Orçamentária do Governo, responsável por avaliar a liberação de recursos para obras.

Em março de 2010, Dilma e Lula lançam a segunda fase do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2), que amplia as metas da primeira versão do programa. No dia 03 de abril do mesmo ano, deixa o Governo Federal para se candidatar à Presidência.

No segundo turno das eleições, realizado em 31 de outubro de 2010, aos 63 anos de idade, Dilma Rousseff é eleita a primeira mulher Presidenta da República Federativa do Brasil, com quase 56 milhões de votos, 12 milhões a mais do que obteve seu concorrente, José Serra, do PSDB.

Em 2014 é reeleita no segundo turno das eleições presidenciais, na disputa apertada com o Senador Aécio Neves, do PSDB. Dilma obteve 51,64% dos votos, e Aécio 48,36%.

Em seu primeiro mandato, a presidenta alcança altos índices de aprovação (79 % em 2013, segundo pesquisa CNI/Ibope), em função sobretudo de realizações como o programa Mais Médicos, a expansão do Minha Casa, Minha Vida, programa habitacional e o Pronatec (Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego).

A popularidade de Dilma sofre queda em junho de 2013, com os protestos que começaram em função do aumento da passagem de ônibus nas principais capitais, mas que foram se ampliando por todo o Brasil, com rei-

vindicações distintas. Em 2014 Dilma enfrenta denúncias de corrupção na Petrobrás e críticas em relação à condução da economia, já que o país vive uma recessão técnica, nos dois primeiros trimestres de 2014.

A *World's Most Powerful Women 2015* da revista *Forbes* coloca Dilma Rousseff na sétima posição do *ranking*, mas relata que poucos meses após sua eleição, parte da população vai às ruas com gritos de “Fora!”, pedindo a renúncia da presidenta. O texto expõe que, como a primeira mulher eleita presidenta do Brasil, em 2010, Dilma estava no caminho certo para a erradicação da pobreza, porém com o PIB brasileiro encolhendo pelo segundo ano consecutivo, com as denúncias de corrupção na Petrobrás e um índice de aprovação de 13%, seus partidários vêm perdendo as esperanças.

Desde a campanha ao segundo mandato gerou-se uma intensa polaridade que faz antever as dificuldades que o governo terá de enfrentar, dentre elas, a relação com as mídias. Não se pode ignorar que o fato de uma mulher ocupar o cargo político de maior poder no país gera tratamentos que seriam dispensados caso se referissem ao outro gênero, o masculino. Em que se pese o fato de que a mulher conquistou espaços e ampla participação social, ainda é associada aos afazeres domésticos, às imagens de beleza e delicadeza, ao comportamento maternal, de forma restritiva.

Sobre Dilma, a mídia não poupa adjetivos desvinculados de sua atuação como chefe de estado. Observa-se e comenta-se da roupa ao corte de cabelo, da maquiagem ao corpo mais esbelto do que no primeiro mandato, graças aos exercícios com bicicleta. São recorrentes as menções como durona, ríspida, determinada, teimosa, fria, mandona, que se opõem ao mito da mãe do povo, contruído e apregoado pela própria equipe de Dilma, desde a campanha de 2010 (Saisi, 2014). Colidem, ainda, com a imagem da mãe rígida e exigente, os estereótipos de líder radical, guerrilheira, subversiva (Fernandes, 2012).

Sobre o primeiro mandato, Fernandes (2012) destaca que a mídia associou o estereótipo de gênero ao de uma líder racional e incorruptível, de conduta rude e rígida, em combate com os políticos inescrupulosos, pela ideia senso-comum de que é mais difícil corromper uma mulher do que um homem.

Entretanto, essa imagem apontada por Fernandes será arranhada, entre outros fatores, pela tensão gerada pelas denúncias de corrupção e o afastamento de Graça Foster da presidência da Petrobrás, em fevereiro de 2015.

Fernandes (2012) também pontua que no cenário internacional Dilma foi considerada como uma líder importante e diplomática, cujo modelo de gestão incorporou um estilo técnico, ético e rigoroso, capaz de demitir políticos de alto escalão. A pesquisadora afirma que, enquanto o ex-presidente Lula apoiou-se em uma imagem carismática de liderança, sua sucessora foi vista como uma líder burocrática-legal. Ao analisar os noticiários internacionais do jornal espanhol *El País*, do estadunidense *New York Times* e do francês *Le Monde*, Fernandes (2012) conclui que é perceptível uma mitificação da presidenta brasileira como líder firme e incorruptível.

Se essa era a imagem da presidenta no primeiro mandato, neste segundo, as dificuldades vêm se apresentando bem maiores. Crise é a palavra-chave que norteia o noticiário sobre o cenário brasileiro: crise econômica e política. Além disso, as redes sociais multiplicam exponencialmente manifestações iniciadas na campanha ao segundo mandato de Dilma, demonstrando não apenas rejeição, mas escancarando preconceitos e atacando a presidenta no que tange a questões pessoais. Com o andamento das denúncias sobre a corrupção na Petrobrás e o agravamento da crise econômica, o Brasil perdeu o grau de investimento (Standard & Poors) em setembro de 2015, e as agendas midiáticas vêm reverberando um coro quase uníssono que questiona, inclusive, a manutenção da presidenta em seu cargo até o final do mandato.

Com as contas de 2014 acusadas de irregularidades por técnicos do TCU (Tribunal de Contas da União), o governo teria cometido as chamadas “pedaladas fiscais”, prática de atrasar propositalmente o pagamento de dívidas com bancos públicos e privados e de repasses para autarquias públicas. O

coroamento desta crise se dá com o pedido de *impeachment* entregue ao presidente da Câmara, Eduardo Cunha, e elaborado pelos juristas Hélio Bicudo (um dos fundadores do PT) e Miguel Reale Júnior.

Com este quadro político, as fissuras entre a imagem da grande mãe incorruptível, da guerrilheira radical e da tecnocrata rigorosa parecem reverberar, nas mídias, majoritariamente, as manifestações de repúdio, dando lugar a uma presidenta acuada, vacilante, de linguagem verbal confusa e que por isso tem optado por pouco se pronunciar, evitando, inclusive, manifestações (os chamados painelaços) durante seus pronunciamentos pela TV aberta.

Resta saber, com o desenrolar deste segundo mandato, qual faceta de Dilma permanecerá na história da presidenta e do Brasil.

O impacto da crise dos refugiados no Brasil

Um dos grandes debates da mídia brasileira em 2015 também foram os deslocamentos forçados que avançaram sobre as fronteiras europeias. Não por acaso. Segundo a *United Nations Refugee Agency* (UNHCR, 2015), em 2014 houve 59.5 milhões de deslocados no mundo – cifra que representa 40% de aumento apenas nos últimos três anos. Deste total, 2.4 milhões são de novos refugiados, que tiveram de atravessar fronteiras e buscar asilo em outros países. Segundo a o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), até agora outubro de 2015 foi o mês com recorde de refugiados: 218.394 pessoas chegaram ao continente no período, superando o total do ano de 2014, que foi de 216.054 (Outubro tem recorde de refugiados, diz ONU, 3 nov. 2015).

Do ponto de vista brasileiro, imigrantes não são uma novidade. Afinal, ao longo de sua formação, a sociedade brasileira apoiou-se em três matrizes – portugueses, povos originários e escravos vindos da África (Ribeiro, 2006). A própria nação brasileira de fato se constitui a partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa ao país (Starling; Schwarcz, 2015) e, posteriormente, com a independência do Brasil de Portugal. A seguir, no século XIX, os fluxos migratórios foram uma constante tanto para o cultivo

das lavouras, mão-de-obra requisitada devido ao fim da escravidão, quanto para o processo de industrialização que principiava. Entre 1819 ao final da década de 1940, o Brasil recebeu 5 milhões de imigrantes, particularmente italianos, portugueses, espanhóis, alemães e japoneses, bem como grupos menos expressivos, como russos, austríacos, sírio-libaneses e poloneses, sobretudo no sul do país devido a políticas implementadas pelo então governo imperial (Cogo; Badet, 2013, p. 22).

A partir da década de 1970 houve uma redução no fluxo migratório, restringindo-se aos países sul-americanos, como Bolívia, Colômbia e Peru, padrão que se mantinha até recentemente. Devido à crise econômica, nos anos 1980 e 1990 há um movimento inverso, com brasileiros indo aos então chamados países de Primeiro Mundo, como os Estados Unidos nos anos 1990 (Meihsy, 2004). Com a nova crise econômica nos anos 2008 nos EUA, Europa e Ásia, houve a volta de uma quantidade significativa de imigrantes, caso dos decasségus, os descendentes dos imigrantes japoneses que haviam migrado para o Japão em busca de melhores condições financeiras. O cenário internacional também acentuou a vinda de estrangeiros, sobretudo de boas condições socioculturais, em busca de oportunidades de trabalho.

As situações de conflito mundial também intensificaram os deslocamentos forçados: Síria, Afeganistão e Somália representam 54% dos deslocados (UNHCR, 2015). O Brasil, evidentemente, não está isolado das tendências mundiais de busca de refúgio. Segundo levantamento do Comitê Nacional para os Refugiados, ligado ao Ministério da Justiça, até maio de 2015, o Brasil tinha 7,7 mil refugiados de 81 países – número que aumentou 22 vezes entre 2010 e 2014. São Paulo é o estado com o maior número de pessoas solicitantes de refúgio, um total de 3.809 (Fernandes, 2015).

O fenômeno dramático das mortes em naufrágios do Mediterrâneo, sobretudo de mulheres e, principalmente crianças, também foram captados e cobertos pelos sistemas midiáticos brasileiros devido não somente à dramaticidade da situação, mas também à relação estreita que o país tem com o velho continente. No caso da *Folha de S.Paulo*, durante o verão europeu, a

cobertura foi praticamente diária, com grande destaque no *Caderno Mundo*. Como em Portugal, o pico destas notícias internacionais foram marcadas pela morte de Alan Kurdi, 3, em 2 de setembro de 2015, conteúdo que se viralizou nas redes sociais, como o *Facebook*. A partir daí, graças à identificação, o conflito ganhou uma imagem icônica: um menino branco, vestido de forma ocidental com tênis, shorts e camiseta vermelha, que poderia ser um pequeno brasileiro qualquer. Em uma das imagens (Figura 3), o corpo está sozinho, à beira do mar, em posição de abandono. Em outra, ele é carregado por um policial.

Figura 3 - Imagem humanizadora: corpo de Alan Kurdi, 3, na praia de Bodrun¹⁹



Fonte: Folha de S.Paulo, 2 set 2015.

Também na cobertura brasileira, o segundo pico de cobertura e de viralização de imagens ocorreu no dia 8 de setembro, com a agressão da cinegrafista húngara Petra Laszlo a um refugiado que corria em desespero com uma criança ao colo.

19. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atraiu-atencao-para-crise.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

Figura 4 - Imagem consternadora: rasteira de Petra Laszlo em refugiado com criança²⁰



Fonte: Folha de S.Paulo, 8 set 2015.

Num raro caso de suíte, isto é, de matéria complementar, no dia 11 de setembro a *Folha de S.Paulo* publicou a justificativa da profissional, que “pediu nesta sexta (11) desculpas pelo ocorrido e afirmou ter sido tomada pelo pânico naquele momento.” (11 set 2015). “Eu não sou uma pessoa sem coração, racista e que chuta crianças. Eu não mereço a caça às bruxas política que estou sofrendo (...). Eu sou apenas uma mãe desempregada com filhos pequenos que tomou uma decisão ruim. Peço muitas desculpas.” (11 set 2015). O argumento, que em outras circunstâncias seria considerado aceitável, não conteve a onda de solidariedade aos refugiados suscitados.

A crise dos refugiados e Dilma Rousseff: Processos de framing e tendências do *two step-flow model* nas notícias da *Folha de S. Paulo*

De acordo com a teoria do agendamento (McCombs, Shaw, 1972; McCombs 2015), “as pessoas se voltam às notícias para informação sobre variados tópicos que consideram relevantes e que desejam mais informações. Quanto maior for a necessidade do indivíduo por orientação, maior será a influência do agendamento da mídia sobre o assunto” (McCombs, 2015, p. 126, tradução nossa). Além disto, quando “ a mídia fala sobre um objeto, ela não apenas o nomeia, mas também o descreve de alguma forma. E este é o segundo nível do agendamento, atribuir definição a essa agenda” (McCombs,

20. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1677028-foto-de-menino-refugiado-morto-na-praia-atraiu-atencao-para-crise.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

2015, p. 126, tradução nossa). Esse primeiro e segundo níveis da teoria se fizeram sentir fortemente no caso da cobertura da crise migratória pelo sistema midiático brasileiro, incluindo o posicionamento do governo sobre o assunto. Num primeiro momento, a cobertura da *Folha de S.Paulo* replicava as notícias das agências internacionais – a primeira correspondente foi enviada à Síria apenas no final de setembro –, de forma fragmentada, sem que se ligasse claramente os naufrágios ocorridos no Mediterrâneo ao que estava acontecendo nos países de origem dos deslocados forçados.

“Mais comumente do que não, a maior parte dos efeitos da comunicação resulta do impacto coletivo da mídia e do processo contínuo de osmose cívica”, diz McCombs (McCombs, 2015, p. 136, tradução nossa). Parece ter sido justamente o caso desta cobertura dos refugiados, visto que a recorrência, bem como a relevância do tema, de alcance humanitário, mobilizou não somente a chanceler Merkel a se reposicionar, mas também a presidenta brasileira, desencadeando, senão a construção de uma política pública, ao menos de uma agenda pública sobre a crise migratória no Brasil.

Podemos identificar três momentos em que essa manifestação de Dilma Rousseff ocorre na cobertura da *Folha de S.Paulo*. Em resposta ao primeiro pico da crise, desencadeado com a morte do menino Alan Kurdi, em 2 de setembro, o governo brasileiro reage produzindo a seguinte manchete: “Brasil está de ‘braços abertos’ para receber refugiados, afirma Dilma” (Foreque, 2015). A reportagem compartilha a fala da presidente de que “Mesmo em momentos de dificuldade, de crise, como os que estamos passando, teremos os nossos braços abertos para acolher os refugiados” (Foreque, 2015). Curiosamente, como o pronunciamento é divulgado no dia 7 de setembro, data da comemoração da Independência no Brasil, a imagem que o ilustra é de uma mulher poderosa, à frente nada menos que um tanque de guerra – paradoxal para uma mulher que foi torturada durante a ditadura militar (1964-1985). A reportagem também traz duas informações importantes. A primeira é o número atualizado de refugiados no país na data. “Hoje, há 2.077 refugiados sírios no Brasil, o que corresponde a quase 25% do total de 8,4 mil refugiados em território nacional.” (Foreque, 2015). A segunda seria

a prorrogação das regras do Conare (Comitê Nacional para os Refugiados) para flexibilizar o ingresso no Brasil de sírios, uma das principais populações em deslocamento forçado (Foreque, 2015).

Figura 5 - Imagem da líder poderosa: Dilma Rousseff na Parada do 7 de setembro²¹



Fonte: Folha de S.Paulo, 7 set 2015.

A opinião pública nacional, fortemente sensibilizada devido à cobertura de alto valor-notícia e pelos processos de *framing* enquanto esquemas interpretativos (Goffman, 1974), desencadeou um segundo momento de manifestação da presidenta no jornal. Momento jornalístico, aliás, raro e mais relacionado aos pronunciamentos televisivos: a assinatura de um artigo *na Folha de S.Paulo*, no qual o discurso da presidenta chega integralmente ao leitor/internauta, tornando-se ela uma fonte privilegiada e elitizada no processo de *opinion maker* característico do *framing*. Intitulado “Os refugiados e a esperança” e publicado em 10 de setembro, foi publicado na página 3, espaço opinativo do veículo. O artigo aborda a dimensão geopolítica dos conflitos do Oriente Médio e do norte da África – em particular a “guerra civil na Síria e da intervenção militar na Líbia” – que são os principais desencadeadores da crise dos refugiados. Para uma líder que até pouco tempo ainda argumentava ser possível dialogar com o Estado Islâmico, registra uma mudança de discurso, enfatizando que: “O Iraque e a Síria se transformaram

21. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678709-brasil-esta-de-bracos-abertos-para-receber-refugiados-afirma-dilma.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

em base para grupos criminosos, como o autodenominado Estado Islâmico, que semeiam o terror entre populações golpeadas por guerras que destruíram seus Estados nacionais.” (Rousseff, 2015). Traz dados atualizados: “O conflito sírio já provocou a morte de mais de 240 mil pessoas, 4 milhões de refugiados –a maior parte em países vizinhos– e 8 milhões de deslocados internamente.” (Rousseff, 2015). “(...) o governo brasileiro tem oferecido vistos humanitários aos refugiados sírios. Já são 7.752 vistos concedidos”, justificando a ampliação do esforço devido ao fato de o país “que abriga em sua população mais de 10 milhões de descendentes sírio-libaneses, não poderíamos agir de outra maneira.” (Rousseff, 2015). Esta política de “braços abertos” não é acompanhada por uma política pública concreta de acolhimento aos refugiados, uma vez que este propriamente dito é feito por entidades assistenciais como a Missão Paz e a Cáritas brasileira.

Finalmente, o terceiro momento importante de manifestação da presidenta sobre a questão dos refugiados, com cobertura *midiática* internacional e enquadramentos com potencial de moldar a opinião pública, ocorreu em 17 de outubro, quando Rousseff discursou na ONU (Organização das Nações Unidas) na celebração do aniversário de 70 anos da entidade. Sob o título “‘É absurdo impedir migração de seres humanos’, diz Dilma sobre refugiados” (Uribe, 2015). Na reportagem, segundo a presidente seria “um ‘absurdo’ a tentativa de impedir o deslocamento de imigrantes e citou o exemplo do Brasil como um país que acolhe refugiados mesmo em momentos difíceis. (Uribe, 2015). A fala de Rousseff, registrada pela *Folha de S.Paulo*, registra a noção de tolerância que permeia a cultura brasileira, sobretudo no quesito religioso, ainda que por vezes de forma prática e não oficial: “Em um mundo onde as mercadorias, capitais, informações e ideias fluem livremente, é um absurdo tentar impedir a livre migração de seres humanos. Como o meu país tem demonstrado ao longo da história, as diferenças podem coexistir lado a lado”, disse.” (Uribe, 2015). Na fotografia que ilustra a reportagem, a imagem da presidenta se assemelha a uma timoneira fir-

me, ainda que de um país tido como de dimensões continentais, porém de importância geopolítica periférica, na condução de uma nau no momento vacilante devido à tormenta político-econômica interna e externa.

Figura 6 - Imagem recente rara da líder no controle da situação em discurso da ONU²²



Fonte: Folha de S.Paulo, 18 out 2015.

Quadro 5: Dilma Rousseff segundo a *Folha de S.Paulo*

Data	Fato
18/19 agosto	Visita da chanceler alemã ao Brasil
2 de setembro	Morte do sírio Alan Kurdi, 3, na praia turca de Bodrum
7 de setembro	“Brasil está de ‘braços abertos’ para receber refugiados, afirma Dilma” (Foreque, 2015).
8 de setembro	Agressão da cinegrafista húngara Petra Laszlo a refugiado com criança ao colo
10 de setembro	Artigo da presidente: “Os refugiados e a esperança” (Rousseff, 2015).
17 de outubro	“É absurdo impedir migração de seres humanos”, diz Dilma sobre refugiados” (Uribe, 2015).

Fonte: Lima, Martinez, Silva, 2015.

Não se nota, portanto, “frieza” ou “falta de empatia” na resposta à crise migratória por parte da presidente Rousseff na cobertura feita pela *Folha de S.Paulo*. Esta reação “calorosa” pode ter sido tardia em relação à europeia,

22. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678709-brasil-esta-de-bracos-abertos-para-receber-refugiados-afirma-dilma.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.

e certamente desencadeada por fatos de notável impacto midiático, como a morte do menino Alan, mas a partir daí o tom da resposta foi racional e emotivo, dado o conteúdo das matérias analisadas.

Considerações finais

Este trabalho partiu da curiosidade de investigar a relação entre o fluxo de deslocamentos forçados que está em curso e a representação midiática de duas importantes líderes mundiais: a chanceler alemã Angela Merkel e a presidenta brasileira Dilma Rousseff nos jornais *Público* e *Folha de S.Paulo*. A metodologia empregada foi a teoria do agendamento e framing.

Para Rothberg (2014), a literatura científica das áreas de comunicação, bem como de política, relacionada ao conceito de enquadramento, entende que a presença de certos framings midiáticos não são suficientes “para influenciar de maneira definitiva a percepção que o público vai ter do fato ou acontecimento representado, dada a complexidade da dinâmica da recepção” (2014, p. 415). Desta forma, algumas pesquisas de enquadramento sugerem “a possibilidade de o público pensar de uma forma coadunável com os *frames* detectados, em meio a outras formas possíveis a serem verificadas empiricamente.» (2014, p. 415).

Este estudo revela, contudo, que quando algum fato desencadeia uma onda mundial de solidariedade, evidencia-se a relação entre o fenômeno, a cobertura midiática e a reação das líderes em resposta ao processo. Tanto Angela Merkel quanto Dilma Rousseff foram flexibilizando seus discursos em relação aos massivos deslocamentos forçados, sobretudo quando a opinião pública foi sensibilizada no início de setembro pelo processo de identificação e consequente viralização das imagens do menino sírio encontrado morto numa praia turca, Alan Kurdi, 3, em 2 de setembro. Seguida, em 8 de setembro, pelo vídeo da agressão cometida pela cinegrafista húngara Petra Laszlo a um refugiado que corria com uma criança ao colo.

O impacto fez com que as respectivas líderes alterassem, em alguma medida, as respectivas políticas nacionais de recepção dos refugiados. No caso brasileiro, com a prorrogação das novas medidas de asilo para deslocados forçados sírios. No alemão, com a promessa de acolhimento de 800.000 mil pedidos de refúgio, tornando a Alemanha o principal país a receber os fluxos migratórios. Que são os maiores já vistos desde a Segunda Guerra Mundial segundo a The United Nations Refugee Agency, agência das Nações Unidas que cuida do assunto.

Do ponto de vista de imagem, o interessante é que essa medição é temperada com as pitadas fortes das coberturas nacionais. No caso de o *Público*, por exemplo, há a proximidade com o fenômeno e o fato de Portugal não oferecer apoio unânime à política de austeridade que a Alemanha adotou e que foi bem sucedida na recuperação daquele país da UE. Isso faz com que a imagem de Merkel adquira tonalidades negativas ou, no mínimo, neutras na cobertura midiática. Já Dilma Rousseff navega politicamente por águas turbulentas e recessivas no próprio país, e seu discurso caloroso e receptivo aos deslocados forçados pouco repercutiu internamente, fato talvez amparado pela ausência da implementação de uma política pública concreta de recepção ao imigrante após a chegada ao Brasil. A partir dali, ele está por conta de entidades assistenciais religiosas ou parentes chegados há gerações, quando não foi um conflito, mas a visita oficial do então Imperador D. Pedro II ao Oriente Médio (Khatlab, 2015) que fez a mídia local daqueles países ressoarem com imagens da terra do ouro negro e atrair imigrantes.

Num e no outro caso, as imagens jornalísticas espalharam-se pelas redes sociais, que influenciaram a opinião pública, numa raro caso de influência invertida de *agenda-setting*. As histórias midiáticas destas pessoas que fugiam dramaticamente dos conflitos numa onda criaram uma onda de solidariedade sem precedentes, contribuindo para a alteração das agendas política e pública.

Referências

- Alemanha planeja expulsar imigrantes para acolher refugiados. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 31 ago 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1675752-alemanha-planeja-expulsar-imigrantes-para-acolher-novos.shtml>>. Acesso em 22 out 2015.
- Alemanha recebe refugiados com comida e placas de boas-vindas. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 7 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678459-alemanha-recebe-refugiados-com-comida-e-placas-de-boas-vindas-veja-fotos.shtml>>. Acesso em 22 out 2015.
- Berkowitz, Dan, Adams, Douglas B. (1990). “Information Subsidy and Agenda-Building”, in Local Television News. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, vol. 67 no. 4. pp. 723-731.
- Carvalho, J. M. DE. (2007). D. *Pedro II: ser ou não ser*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Cogo, D.; Badet, M. (2013). *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores: migrantes no Brasil*. Bellaterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos.
- Colon, Leandro (2015). Pragmática, alemã Angela Merkel tem status de líder incontestado da Europa. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 19 ago 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1670579-pragmatica-alema-angela-merkel-tem-status-de-lider-incontestado-da-europa.shtml>>. Acesso em: 22 out 2015.
- Entman, Robert M. (1993). Framing: Towards clarification of a fractured paradigm. *Journal of Communication* 43(4), p. 51-58.
- Directorate General for Internal Policies Policy Department C: Citizens’ Rights and Constitutional Affairs. Gender Equality.(2013) “Women and Girls as Subjects of Media’s Attention and Advertisement Campaigns: The Situation in Europe, Best Practices and Legislations. [http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2013/474442/IPOL-FEMM_ET\(2013\)474442_EN.pdf](http://www.europarl.europa.eu/RegData/etudes/etudes/join/2013/474442/IPOL-FEMM_ET(2013)474442_EN.pdf) Acessado em 1 Outubro, 2015

- Fernandes, S. (2015). “ONU: Brasil dá exemplo de acolhimento humanitário de refugiados”. *Rede Brasil Atual*, 20 jun. 2015.
- Fernandes, Carla Montuori (2012). “As representações midiáticas de Dilma Rousseff no cenário político brasileiro”. *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v.5, n.14, p.69-85, jun / set. 2012.
- Fleck, Isabel; Foreque, Flávia. Merkel elogia Brasil por aceitar meta ‘audaciosa’ de uso de energia limpa. São Paulo, 20 ago 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1671545-mekel-elogia-brasil-por-aceitar-meta-audaciosa-de-uso-de-energia-limpa.shtml>>. Acesso em: 22 out 2015.
- Foreque, Flávia. Brasil está de ‘braços abertos’ para receber refugiados, afirma Dilma. São Paulo, 7 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678709-brasil-esta-de-bracos-abertos-para-receber-refugiados-afirma-dilma.shtml>>. Acesso em: 23 out 2015.
- Goffman, Erving (1974). *Frame analysis: an essay on the organization of experience*. Boston: Northeastern University Press.
- Hardach, Sophie. Alemanha abriga refugiados em área de ex-campo de concentração nazista. **The Guardian/Folha de S.Paulo**. São Paulo, 21 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1684383-eu-so-queria-um-teto-diz-afegao-que-vive-em-antigo-campo-de-concentracao.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.
- Khatlab, Roberto. (2015). *As viagens de Dom Pedro II: Oriente Médio e África do Norte, 1871 e 1876*. São Paulo: Benvirá.
- Katz, Elihu Lazarsfeld, Paul F. (1955). *Personal Influence, The part played by people in the flow of mass communications*. London: Transaction Publishers.
- Kiousis, Spiro, Mitrook, Michael, Wu, Xu, Seltzer, Trent (2006). *Journal of Public Relations Research*, 18, p. 265-285.

- Manifestantes de extrema direita vão visitar Merkel em visita a refugiados. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 26 ago 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/08/1673739-manifestantes-hostilizam-merkel-em-visita-a-abrigo-para-refugiados.shtml>>. Acesso em: 22 out 2015.
- McCombs, Maxwell. (2015). “Nova obra discute o terceiro nível da teoria Agenda-Setting”. Entrevista concedida a Cíntia Xavier, Marcelo Bronosky, Paula Melani Rocha, Cléber Moletta e Elaine Schmitt. *Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo*. Ponta Grossa, vol.2, n.2 p. 124-136, jul/dez 2015.
- McCombs, Maxwell E., Shaw, Donald L. (1972). “The agenda-setting function of mass media”. *Public Opinion Quarterly*, n. 36, p. 176-187.
- Meihsy, J. C. S. B. (2004). *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola.
- Mello, Patrícia Campos Mello. Avós de menino sírio cuja foto chocou o mundo relatam cotidiano de perdas. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 22 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1684696-avos-de-menino-sirio-cuja-foto-chocou-o-mundo-relatam-cotidiano-de-perdas.shtml>>. Acesso em: 24 out 2015.
- Merkel quer que ida de refugiados à Alemanha seja mudança ‘positiva’. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 7 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1678668-merkel-quer-que-chegada-de-migrantes-a-alemanha-seja-mudanca-positiva.shtml>>. Acesso em: 22 out 2015.
- Não sou racista, diz cinegrafista húngara flagrada chutando refugiados. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 11 set 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/09/1680385-nao-sou-racista-diz-cinegrafista-hungara-flagrada-chutando-refugiados.shtml>>. Acesso em: 23 out 2015.
- Outubro tem recorde de refugiados, diz ONU. **Folha de S.Paulo**. Caderno Mundo. A12.

- São Paulo, 3 nov. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/11/1701301-numero-recorde-de-migrantes-chegou-a-europa-em-outubro-diz-onu.shtml>. Acesso em: 3 nov. 2015.
- Ribeiro, Darcy (2006). *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Robinson, John P. (1976). "Interpersonal Influence in Election Campaigns: Two Step-Flow Hypotheses." *Public Opinion Quarterly* 40 (3), 304-319.
- Rothberg, Danilo. (2014). "Enquadramentos midiáticos e sua influência sobre a consolidação de direitos de crianças e adolescentes". *Opinião Pública*, 20(3), 407-424. <https://dx.doi.org/10.1590/1807-01912014203407>
- Rousseff, Dilma. Os refugiados e a esperança. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 10 set 2015. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2015/09/1679691-os-refugiados-e-a-esperanca.shtml>>. Acesso em: 23 out 2015.
- Saisi, Kátia (2014). "A construção da imagem política de Dilma Rousseff na mídia: a propaganda televisiva x a cobertura jornalística na Folha e no Estado na campanha de 2010". *Aurora: revista de arte, mídia e política*. São Paulo, v.7, n.20, p. 31-50, jul /set. 2014.
- Severin, Werner J., Tankard, James W.. 1992. "Effects of Mass Communication," in: *Communication Theories: Origins, Methods, and Uses in the Mass Media*. 3. Auflage. New York: Longman, 247-268.
- Starling, H. M.; Schwarcz, L. M. (2015). *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- THE UNITED NATIONS REFUGEE AGENCY. **World at War: UNHCR global trends forced displacement 2014**. Geneva: UNHCH, 2015.
- Uribe, Gustavo. 'É absurdo impedir migração de seres humanos', diz Dilma sobre refugiados. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 18 out 2015. Caderno Mundo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/10/1695432-e-absurdo-impedir-migracao-de-seres-humanos-diz-dilma-sobre-refugiados.shtml>>. Acesso em: 23 out 2015.

